



Estudo avalia possibilidades do melão brasileiro no mercado externo Pág. 04

Foto: Cícero Barbosa



Taipeiro: a nova variedade de guandú para uso forrageiro

Pág. 08

Parceria da Embrapa com iniciativa privada vai intensificar pesquisas com uva sem sementes

Pág. 05



O Governador da Bahia, Dr. César Augusto Rabello Borges, fala com exclusividade ao nosso jornal. Ele afirma sua confiança no potencial econômico e social das áreas semi-áridas do Nordeste e fala de planos e

Pesquisa & Desenvolvimento

* Paulo Roberto Coelho Lopes e Iedo Bezerra Sá, Chefe Geral e Secretário-executivo do Comitê Técnico Interno da Embrapa Semi-Árido, respectivamente, participaram do III Congresso Internacional da European Society for Soil Conservation (ESSC). O evento aconteceu na cidade de Valencia (Espanha). Paulo Roberto apresentou o trabalho científico *Effects of levels of polimaleic acid on the structural stability of saline soils*. Iedo, por sua vez, teve dois trabalhos aceitos: *The Normalized Difference Vegetation Index (NDVI) as indicator of the soil degradation* e *Integrated soil degradation analysis of Tierra de Barros Region (Badajoz, Spain)*. Os co-autores são pesquisadores das Universidades Politécnicas de Valencia e Madri onde Paulo e Iedo concluíram, no ano passado, seus cursos de doutorado. O Congresso Internacional é o maior e mais importante evento da Europa na área de conservação de solo.

* Cinco professores e 19 estudantes da Escola Superior Agrária de Coimbra, Portugal, visitaram a Embrapa Semi-Árido. Eles são do curso de pós-graduação Cooperação em Desenvolvimento Agrícola, que tem o patrocínio da União Européia e o apoio da Embrapa e da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Os estudantes são empresários do segmento vitivinícola e técnicos do ministério da agricultura português. A comitiva foi recepcionada pela Chefia Geral. A Área de Comunicação Empresarial programou sua visita à empresa Vitivinícola Santa Maria S.A., no município de Lagoa Grande. O empresário Luiz Marques, produtor de uva em Coimbra, afirmou ao **Embrapa Semi-Árido** a disposição de investir no Vale do São do São Francisco: a tecnologia de produção e o clima favorável à produção durante o ano todo o entusiasmaram.

* Pela primeira vez, a Embrapa Semi-Árido vai participar, de 1 a 6 de maio, em Ribeirão Preto, do Agrishow 2000 - a maior feira da América Latina no segmento agropecuário de máquinas, equipamentos agrícolas, adubos e sementes que incorporam alta tecnologia. A feira movimentou negócios estimados em 800 milhões de reais e atraiu um público de 120 mil pessoas. Segundo Elias Moura Reis, responsável pela Área de Comunicação Empresarial (ACE), a Chefia Geral quer a Unidade participando de eventos como o Agrishow com o objetivo de intensificar sua inserção no agribusiness nacional.

Editorial

O pesquisador Everaldo Rocha Porto, da Embrapa Semi-Árido, considera necessária a irrupção de uma mudança cultural no que concerne a exploração agropecuária do semi-árido. Ele fala isso referindo-se especificamente às áreas dependentes de chuva, 97% do semi-árido nordestino. E justifica, argumentando que o processo histórico de ocupação desse quinhão da Região Nordeste tem uma deformação de origem: a transposição de cultivos e técnicas próprios da Zona da Mata, mais úmida por estar próxima do litoral, para uma área mais seca e quente, de irregular regime de chuvas.

Esta transposição, na sua opinião, explica o descaso pelo conhecimento das peculiaridades do ambiente semi-árido com sua rica diversidade de plantas. Em consequência, dois desdobramentos nada favoráveis: primeiro, a exploração agropecuária com base em modelos típicos de países de clima temperado que resultaram, invariavelmente, num histórico de perdas de produção e de empobrecimento do campo; segundo, as políticas públicas concebidas nesse contexto, embora tenha dotado a região de uma certa infraestrutura elétrica, hídrica, rodoviária, amargam muitos insucessos.

As opiniões de Everaldo Porto são baseadas nas informações geradas pela Embrapa Semi-Árido nos seus 25 anos de existência, e por outras instituições de pesquisa regional, nacional e internacional. Essas informações põem por terra, por exemplo, "certezas há muito consolidadas" como a de que o problema do semi-árido é a falta de água. Os dados, apontam justamente o contrário: as precipitações na região são suficientes; o que há na verdade é o desperdício de mais da metade dos monumentais 700 bilhões de metros cúbicos que caem nas caatingas, anualmente.

Na entrevista que concede ao Embrapa Semi-Árido o Governador da Bahia, César Augusto Rabello Borges (**pág.03**), afirma: o problema do semi-árido, não é a seca, nem a falta de informações e tecnologias. Para ele, é preciso que o Governo Federal, num esforço conjunto com estados e municípios, promova a elaboração de um plano capaz de, num período de 15 a 20 anos, resolver ou atenuar os dramas do semi-árido.

Como exemplo disto, o Governo da Bahia, com a participação da Embrapa, executa desde 1995 o Programa de Desenvolvimento Sustentável do Semi-Árido (Sertão Forte). Os resultados corroboram a opinião do governador de que o semi-árido pode ser muito bem aproveitado quando explorado de forma racional.

Expediente

Embrapa Semi-Árido é uma publicação do Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa, vinculada ao Ministério da Agricultura e do Abastecimento.

Chefe Geral: Paulo Roberto Coelho Lopes; **Chefe Adjunto de Pesquisa & Desenvolvimento:** Clovis Guimarães Filho; **Chefe Adjunto de Comunicação e Negócios:** Luiz Maurício Cavalcante Salviano; **Chefe Adjunto de Administração:** Paulo César Fernandes Lima. **Conselho Editorial:** Marcelino Lourenço Ribeiro Neto; Clóvis Guimarães Filho, Luiz Maurício Cavalcante Salviano, Eduardo Assis Menezes, Edineide Maria Machado Maia, Francisco Lopes Filho e Antonio Pedro Matias Honório. **Área de Comunicação Empresarial:** Elias Moura Reis. **Redação/Edição/Jornalista Responsável:** Marcelino Lourenço Ribeiro Neto (Reg. Prof. 1127 DRT/BA). **Design e Arte Final:** Paulo Pereira da Silva Filho. **Colaboração:** José Clétis Bezerra e Francisco de Assis Evangelista. Embrapa Semi-Árido: BR 428 - Km 152 s/n - Zona Rural - CP 23 Petrolina - PE, CEP 56 300 970. <http://www.cpatas.embrapa.br>, fax 81-862-1744 (É permitida a reprodução de artigos e reportagens, desde que citada a fonte)



Entrevista com o Dr. César Borges, Governador da Bahia

O Estado da Bahia investiu, nos últimos quatro anos, cerca de 1,5 bilhão de reais em obras de infra-estrutura hídrica, econômica e social previstas no Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Semi-Árido, o Sertão Forte. Até 2003 serão outros R\$ 2 bilhões. Político com ampla vivência das questões do semi-árido baiano, o governador fala na entrevista abaixo da sua convicção nas possibilidades econômicas e sociais do sertão do seu estado e do Nordeste, como um todo. Na sua opinião, as soluções para a região precisam ser encaminhadas de forma conjunta entre os governos federal, estadual e municipal. Entusiasmado, ele acredita que num universo de médio e longo prazos problemas crônicos e históricos poderão ser erradicados ou, ao menos, mino- rados seus efeitos na vida do nosso povo.

P. A pesquisa tem informações e tecnologias para o semi-árido. Na sua opinião, por que as secas ainda causam graves dramas à população da região?

R. Não é uma questão apenas de disponibilidade de informações e tecnologias. Todos sabemos que no Nordeste há técnicas, especialistas e estudiosos dessa questão, e em todo o mundo há tecnologia apropriada para o desenvolvimento de áreas desérticas. A questão é que não há ainda no Brasil uma disposição política de enfrentamento do problema. Desde o início de 91, com o senador Antonio Carlos, o Governo do Estado vem lutando pela adoção de um plano decenal de gerenciamento dos recursos hídricos de médio e longo prazos. Não se pode resolver isso com poucos recursos e com instituições frágeis, a exemplo da Sudene nos últimos anos. É preciso fortalecer os órgãos que tratam desse problema.

P. Que atividades o sr. considera viáveis à sustentabilidade do desenvolvimento rural do semi-árido?

R. O semi-árido baiano pode ser muito bem aproveitado economicamente. Essa é nossa meta. O Plano Plurianual do Governo do Estado para o período 2000/2003, prevê a aplicação de R\$ 2 bilhões nas ações de convivência com a seca. Estamos investindo na recuperação de lavouras, na dinamização de novas culturas facilmente adaptáveis ao clima e ao solo da região e, principalmente, em projetos de irrigação. No entanto, não é possível se continuar a tocar estes projetos apenas com recursos estaduais ou orçamentários da União. É necessário que o governo federal tome financiamentos externos para acelerar o processo de implantação destas áreas irrigadas

do semi-árido.

P. Até que ponto o semi-árido integra a agenda dos formuladores de políticas públicas do país?

R. Tenho, junto com os demais governadores do Nordeste, levado reivindicações ao Governo Federal no sentido de se criar programas permanentes para o sertão nordestino. Se o governo se dispusesse, numa ação conjunta com estados e municípios, a traçar um plano de médio e longo prazos para se resolver o problema, num período de 15 a 20 anos, essa questão poderia estar, se não solucionada, minorada. Outro aspecto importante é dar continuidade aos projetos de irrigação. Por exemplo, aqui na Bahia, poderíamos incorporar rapidamente mais de 100 mil hectares de área irrigada, através dos projetos do Baixio de Irecê e Salitre, se fossem alocados os recursos necessários para dar mais velocidade à sua implementação. São projetos que podem gerar milhares de emprego e criar novas alternativas econômicas para estas regiões, principalmente a partir da agroindústria.

P. Na sua opinião, a transposição das águas do rio São Francisco contribui para as soluções dos problemas do semi-árido?

R. A Bahia não é contra nada que venha a beneficiar o Brasil. Mas é preciso que este projeto seja estudado a fundo, antes de se pensar em implementá-lo. Até agora não há projeto que seja comprovadamente viável, em termos econômicos e ambientais. Não se pode falar em tirar água do rio, sem que se resolva problemas como o assoreamento e a proteção de matas ciliares e se conclua obras de recursos hídricos em curso no Nordeste. Por isso, a primeira preocu-

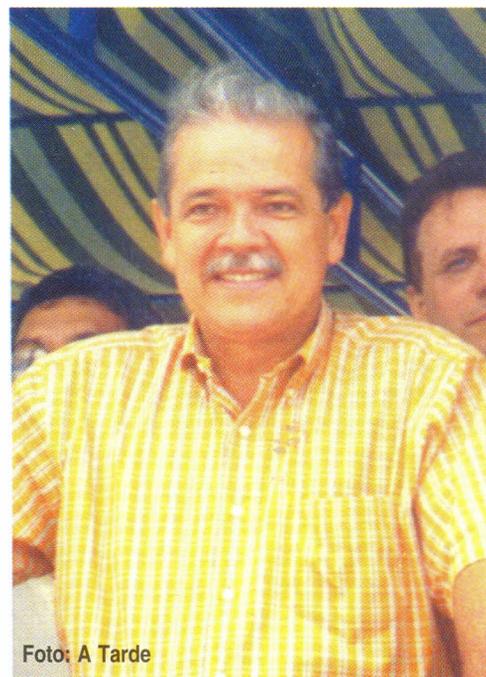


Foto: A Tarde

ser com o estado atual do São Francisco. O rio precisa de cuidados especiais para que seu potencial possa ser explorado. Precisamos dar condições de navegabilidade ao São Francisco, que pode funcionar como importante fator econômico, barateando custos de transporte de produção. É um projeto que não exige altos investimentos.

P. Existem regiões semi-áridas bem desenvolvidas, a exemplo dos EUA, Austrália, Israel. Por que não ocorre no semi-árido brasileiro?

R. São realidades bastantes distintas. Estes lugares, sobretudo Israel e Austrália, tinham grandes desertos despovoados, onde se alocou toda a infra-estrutura e só então foram povoados. Além do mais, são países desenvolvidos com recursos para investimentos e com tecnologia de ponta. Essas tecnologias estão disponíveis e podem ser usadas, mas temos uma dificuldade maior: ao tempo em que temos de suprir as necessidades da população que já reside nessa área, é preciso criar alternativas de desenvolvimento. Isso demanda mais esforços e investimentos, sem perder de vista esta população, dando-lhe saúde, educação, saneamento. Portanto, para resolver a questão é preciso fazer grandes investimentos - e os estados sozinhos não terão condições para isso - e criar um modelo alternativo para a iniciativa privada desenvolver projetos de irrigação neces-

Livro orienta produtores sobre manejo da cultura da manga

O rendimento médio da mangueira nos pomares irrigados do Nordeste é o dobro do obtido no Sudeste (20 toneladas por hectare contra 10,8). Esse excepcional desempenho, contribui para viabilizar empreendimentos de portes diversos e inserir o agronegócio da região nos circuitos internacionais de comercialização. Isso é resultado do empenho conjunto de técnicos de empresas públicas de pesquisa e da iniciativa privada na geração e refinamento de tecnologias que aliam o potencial produtivo da cultura às vantagens produtivas do ambiente.

O livro **"O cultivo da mangueira irrigada no semi-árido brasileiro"**, publicação conjunta da Embrapa - empresa pública de pesquisa vinculada ao Ministério da Agricultura e do Abastecimento - e da Vallexport - Associação dos Produtores e Exportadores de Hortigranjeiros e Derivados do Vale do São Francisco - reúne aquelas informações de maneira equilibrada e muito produtiva. A equipe multidisciplinar que o elaborou, juntou o melhor do conhecimento científico gerado sobre a mangueira nas condições do ambiente nordestino e o apresenta de maneira didática, numa linguagem acessível a qualquer produtor que queira contabilizar altas produtividades no seu pomar de mangas.

Os autores são claros a esse respeito: o objetivo da publicação é apresentar algumas recomendações técnicas obtidas de observa-

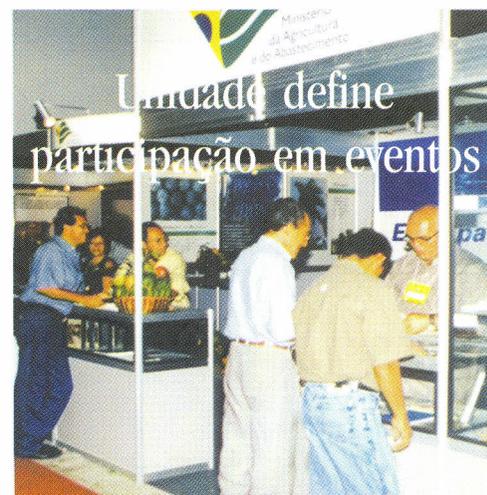
ções e pesquisas, possíveis de serem empregadas na implantação e condução de um pomar de mangueira na região do Sub-médio São Francisco.

Nos oito capítulos que formam o livro são abordadas questões como as variedades indicadas para cultivo na região, as formas de propagação por sementeira, viveiro ou enxertia para produção de mudas. No capítulo 5, os leitores poderão acompanhar passo a passo recomendações a respeito da implantação de um pomar, desde o preparo do solo, sistema de irrigação mais adequado, espaçamento até a indicação da necessidade de proteção do plantio "contra os ventos dominantes" durante os dois primeiros anos de formação do pomar.

No Polo Juazeiro - Petrolina já estão implantados cerca de 10 mil ha de mangueiras. A perspectiva é dessas áreas se ampliarem devido à importância econômica crescente da cultura. Aos que vão investir nessa cultura, nada melhor que por ao seu lado, na cabeceira da cama, o livro **"O cultivo da mangueira irrigada no semi-árido brasileiro"**. No mínimo terão consistentes sonhos de fatura. A publicação é de autoria dos pesquisadores da Embrapa, João A. da Silva de Albuquerque, Clemente Ribeiro dos Santos, Selma Cavalcanti C. de H. Tavares e mais Maria Aparecida do C. Mouco - da Ebda - e Voltaire Diaz Medina - Engº Agrônomo da Fruitfort.



O Cultivo da Mangueira Irrigada no Semi-Árido Brasileiro

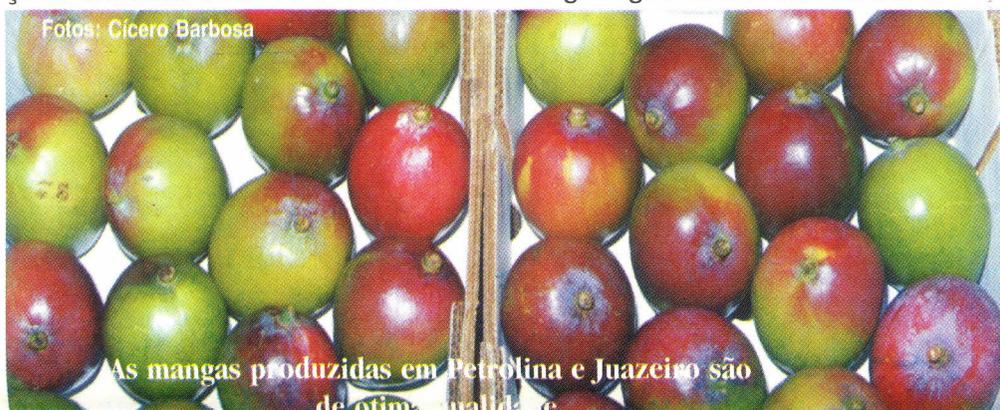


Apresentar a Embrapa Semi-Árido a públicos diversos, em eventos de caráter local, regional e nacional é um dos objetivos da Chefia Geral. Elias Moura Reis, responsável pela Área de Comunicação Empresarial (ACE), explica que se pretende primeiro, divulgar de forma ampla o potencial da agro-pecuária do semi-árido para todo o país, e, segundo, expor as soluções tecnológicas geradas pelos trabalhos de pesquisa e desenvolvimento da unidade.

No mês de abril, a ACE participa de exposições agropecuárias nos municípios de Uauá (BA) e Paulistana (PI). Em maio, a Unidade vai montar seu estande na Agrishow 2000 (1 a 6), em Ribeirão Preto (SP). No mês seguinte, junho, é a vez do evento intitulado Ciência para a Vida (10 a 17), a ser realizado em Brasília.

Em agosto/setembro, a unidade participa da 13ª Expointer 2000 (26/08 a 3/09), em Esteio (RS). Também vai a Fortaleza para o Frutal (25 a 29). Em novembro, o estande vai estar exposto na XI Feira Nacional da Agricultura Irrigada (Fenar), que acontece de 8 a 11. Em novembro, a participação vai acontecer em eventos voltados para a pecuária, um dos temas mais importantes do programa de pesquisa da Unidade: de 5 a 11, é a vez da 49ª Exposição Nordestina de Animais e Produtos Derivados, em Recife; e no final do mês, a 12ª Fenagro, em Salvador.

Elias explica que este cronograma é flexível e que a Embrapa Semi-Árido pode vir a ampliar sua participação em eventos, independente da abrangência que ele venha a ter. O fundamental, explica, é que a Unidade tenha a oportunidade de mostrar seus resultados de pesquisa e possa contribuir para elevar os seus níveis de ado-



As mangas produzidas em Petrolina e Juazeiro são de ótima qualidade.

Pesquisa com uva sem sementes é intensificada

Não basta a uva ser gostosa, ela tem que ser sem sementes. Este é um recado que o mercado tem enviado, com ênfase cada vez maior aos produtores do Polo de Agricultura Irrigada de Petrolina - Juazeiro - em especial aqueles com aspiração de negociar contratos de venda com importadores. O recado é evidente: a Inglaterra, que já foi a maior importadora das uvas com sementes do Polo, reduziu suas compras em 90% - nesse país, uma pesquisa realizada em supermercados constatou que apenas 12% dos consumidores dão preferência à uva com sementes.

Sensíveis aos sinais vindos de fora, os produtores de Juazeiro e Petrolina correm para não perder espaço num mercado que movimentará recursos crescentes com as exportações para a Europa e Estados Unidos. Neste ano, eles já conseguiram mandar cerca de 500 t de uvas sem sementes para Inglaterra e Alemanha. Em 1996, o volume exportado foi pouco mais que meia tonelada.

Variedade - Reginaldo Vieira, Gerente de Exportação da Valexport - entidade que reúne exportadores do Vale do São Francisco - afirma que não há dúvida que a tendência do mercado mundial é comercializar apenas uva sem sementes. E, afirma, os investimentos na ampliação dos plantios tem sido em boa parte direcionados para o cultivo de variedades sem sementes. Atualmente, existem apenas 100 ha implantados e em produção. Mas já há 200 em fase de desenvolvimento e, até 2002,



a expectativa é de que a área cultivada com esse tipo de uva alcance a marca de 1000 hectares.

A variedade cultivada na região é conhecida como Festival, também denominada Superior Seedless em outros países produtores. Foi a que melhor se adaptou ao ambiente semi-árido. Até identificá-la, pesquisadores da Embrapa Semi-Árido e Embrapa Uva e Vinho, e técnicos da Valexport, testaram mais de 20 variedades, num trabalho que começou em 1995. A Festival ocupa quase que 100% dos plantios com uva sem sementes na região.

Pesquisa - A variedade mais comercializada no mercado internacional de uva sem sementes é a Thompson seedless (60%). A Festival, embora tenha sabor diferente da Thompson, está conseguindo ocupar espaço na pauta das exportações brasileiras. Tem, no entanto, problemas que poderão vir a reduzir a sua participação no agronegócio do Vale do São Francisco.

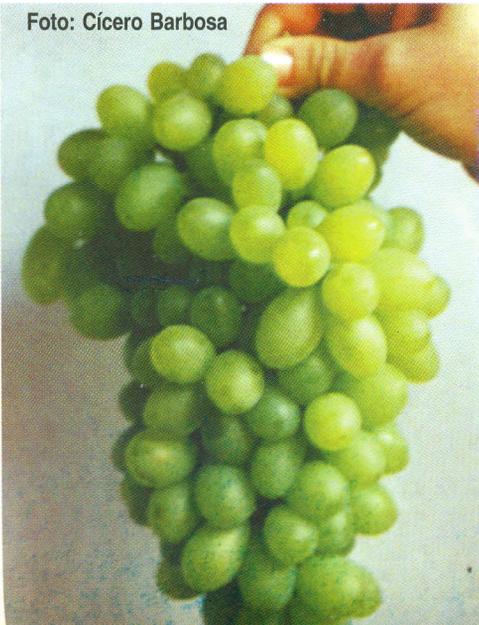
Um deles é que ela produz muito pouco: 10 t/ha/safra contra 24 t/ha/safra das uvas com sementes. Em geral, os preços que alcançam no mercado são bons e compensam a produção reduzida. Os preços obtidos na comercialização da uva sem sementes no mercado externo chega a ser três vezes maior que o da uva com sementes no período da entressafra. No período da safra dos países exportadores, eles alcançam entre 20 e 30% a mais. Contudo o crescimento da oferta vai trazer como consequência a queda dos preços e arrisca a viabilidade econômica do negócio.

brapa, Semi-Árido e Uva e Vinho, e técnicos ligados à Valexport mantêm um amplo programa de pesquisas que, em curto tempo, buscam melhorar o manejo da variedade Festival com o objetivo de aumentar sua produtividade. Neste ano de 2000, a Embrapa Semi-Árido tem orçado cerca de R\$ 100 mil em 4 subprojetos voltados para aprimorar o manejo dos parreirais sem sementes (fertirrigação, seleção de porta-enxertos, absorção de nutrientes, dosagens de retardadores de crescimento).

Segundo Patrícia Coelho de Souza Leão, pesquisadora da Embrapa Semi-Árido, estes são aspectos essenciais à sustentabilidade da variedade Festival. Afirma que num curto espaço de tempo os segmentos produtivos poderão estar com os resultados das pesquisas disponíveis para serem aplicadas nos seus pomares. Para ela, no entanto, a grande solução para a uva sem semente no Vale do São Francisco é a geração, por meio de técnicas de melhoramento genético, de uma variedade adequada às condições ambientais do semi-árido.

Neste ano, pesquisadores da Embrapa Semi-Árido começam a testar em campo vários híbridos de uvas sem sementes desenvolvidos pela Embrapa Uva e Vinho. Em 2001, Patrícia - que concluiu curso de mestrado em melhoramento genético de uva - vai testar, também, híbridos gerados dentre as variedades sem sementes da coleção da Embrapa Semi-Árido. O objetivo é gerar uma variedade com boa qualidade de fruto, alta fertilidade de gema e tolerante a doenças

Foto: Cícero Barbosa



Mercado do melão exige novas variedades

O melão, que foi na década de 90 a fruta brasileira que mais cresceu em volume de exportação (de 7 mil para 50 mil t/ano), inicia o ano 2000 com sérias limitações à manutenção da sua performance. A segmentação do consumo no mercado europeu - o maior importador do produto brasileiro - tem ampliado a preferência por tipos comerciais *Amarelo* ou *Pele de Sapo* com frutos de forma arredondada, elevado teor de açúcar e peso em torno de 1 kg. O melão do Brasil destinado ao mercado externo, ainda que seja desses mesmos tipos tem formato ovalado ou semi-elíptico, com peso acima de 2 kg e teor médio de açúcar. Atento ao gosto do consumidor europeu, a Costa Rica dá saltos no seu volume de exportação: de 700 t/ano, em 1995, para as 12 mil t/ano atuais.

Esta perda de competitividade é apontada pelo pesquisador José Lincoln Pinheiro Araújo, da Embrapa Semi-Árido, em sua monografia de tese de doutorado defendida na Universidade de Córdoba (Espanha). Nela, ele faz um estudo de "Avaliação da qualidade comercial e possibilidades de mercado do melão brasileiro na Europa". O continente europeu absorve a quase totalidade das exportações do país. A tese, em linhas gerais, identifica tendências de mercado e comportamento dos consumidores. Na sua elaboração, Lincoln afez a opinião da maioria dos gerentes de centrais de compras das grandes redes de supermercado da Espanha e de outros importadores da Holanda e Reino Unido.

Qualidade regular - A União Europeia é o maior mercado importador de melão no mundo. E, segundo constata a tese do pesquisador a tendência atual é de uma demanda crescente com a ampliação do consumo nos meses do outono e inverno (setembro/março). Este período é ideal para exportação do melão brasileiro já que não tem de enfrentar a concorrência do produto espanhol.

O Brasil, embora seja o 17º produtor mundial - segundo a FAO -, é o 2º maior fornecedor de melão para os países europeus. Dentro do macromercado europeu, a Espanha é o país onde o melão tem melhor aceitação. No entanto, segundo observa Lincoln na tese, já são feitas restrições quanto à forma de



Foto: José Lincoln Pinheiro Araújo

Os melões tipo Amarelo e Pele de Sapo são os mais consumidos no mercado espanhol

embalagem dos frutos - que deprecia seu valor de comercialização no varejo - e sua qualidade é apontada pelos gerentes das centrais de compras como apenas regular. No Reino Unido, que compra 46% do melão brasileiro colocado no mercado, as restrições devem ser mais severas ainda daqui para a frente.

Esta conformação do mercado, na opinião do pesquisador, exige que o exportador tenha uma visão estratificada do comércio de melões. Isso implica o cultivo de variedades como *Amarelo* e *Pele de Sapo* com dimensões pequenas e teor de açúcar elevado (**leia box abaixo**).

Da produção nacional de

melão (244.102 t), 94% (230.591 t) é oriunda da região Nordeste. O melão exportado é quase que 100% colhido no Polo Agro-industrial Açú/Mossoró (RN). Nesta região, ele emprega diretamente entre 15 e 20 mil pessoas. No Vale do São Francisco, a desorganização dos produtores e as pequenas produtividades dos plantios circunscrevem o comércio do melão aí colhido ao mercado interno.

Lincoln chama a atenção, também, para a embalagem dos melões que são exportados. Segundo ele, o material utilizado (caixas de papelão) além de pouco apresentável à exposição em lugares nobres dos supermercados, contribui para causar danos aos frutos.

Chefia e cooperativa espanhola definem pesquisa para agronegócio do melão

O Chefe Geral da Embrapa Semi-Árido, Paulo Roberto Coelho Lopes, discute com a Anecoop - uma entidade que reúne 130 cooperativas da Espanha e detém 10/15% do mercado de frutas e hortaliças na Europa - um programa de pesquisa para a cultura do melão no Vale do São Francisco que deverá resultar em negócios da ordem de 10 mil toneladas/mês entre produtores de Petrolina e Juazeiro e importadores daquele país. A Embrapa vai avaliar o desempenho de variedades de melão mais consumidas no continente europeu e desenvolver um sistema de produção para aquelas que se mostrarem mais viáveis ao ambiente da região.

Segundo Paulo Roberto, a parceria vai viabilizar uma produção competitiva e de qualidade do melão no Vale do São Francisco - que na década de 70 já foi a maior do Brasil. Os contatos que manteve com a Anecoop em recente visita à Espanha já teve desdobramentos com a vinda do diretor da cooperativa espanhola, José Maria Torres, ao Pólo. As perspectivas da parceria são tão promissoras que, ainda este ano, o presidente geral da Anecoop vai estar visitando a região.

Na visita à Espanha, Paulo Roberto fez-se acompanhar de Luis Freire e John Khoury - gerente de pesquisa da Valexport e Superintendente da 6ª Diretoria da Codevasf, em Juazeiro, respectivamente. Eles discutiram com instituições de pesquisa desse país, um programa de produção integrada de frutas e hortaliças para o Vale do São Francisco.

Hora e vez da floricultura no Nordeste



Fotos: Carlos Alberto Silva

O cultivo de flores ornamentais tropicais começa a despontar no Pólo de Agricultura Irrigada de Juazeiro -Petrolina. São plantios de não mais que 10 produtores, em áreas marginais de pouco mais de dez hectares. No entanto, envolvidas em cálculos de rentabilidade cinco vezes superior ao de fruteiras, em perspectivas de rápido retorno do capital investido na sua produção, em taxas elevadas de geração de emprego por hectare (15 pessoas/ha), essas flores estão motivando uma ampla articulação entre instituições como Embrapa, Sebrae, Banco do Nordeste e iniciativa privada.

O objetivo é estabelecer mecanismos de apoio à atividade que tem grande potencial de incrementar o agronegócio nordestino, em especial no semi-árido.

A floricultura é uma atividade em franca expansão na Zona da Mata e em áreas de microclima, - como o município de Garanhuns - na Região Nordeste. E, segundo Sebastião Amorim Gomes - bolsista do CNPq lotado na gerência de Petrolina da Embrapa Negócios Tecnológicos - é uma atividade que dá largos passos para se organizar como um negócio. É patente, diz ele, o empenho por profissionalização dos produtores do setor e suas manifestações organizadas em fóruns como o da Agência de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco (AD/DIPER), na formulação de planos que ampliem a comercialização de flores tropicais, inclusive para abastecer o mercado externo.

Embrapa produz mudas de flores tropicais

A Embrapa, desde abril de 1997, com o apoio do Banco do Nordeste, desenvolve um projeto piloto de produção de mudas de plantas ornamentais tropicais. A iniciativa das instituições na execução do projeto é suprir a carência de mudas de qualidade e em quantidade, no mercado. Atualmente, já estão disponíveis cerca de 3 mil mudas. Daqui a três meses, esta quantidade vai chegar a 5 mil. É um volume que Sebastião afirma ser suficiente para atender a demanda inicial dos produtores do Polo Petrolina - Juazeiro.

A Embrapa Negócios Tecnológicos está produzindo essas mudas numa área de 0,5 ha de seu campo experimental. As espécies plantadas são: helicônias, tapeino-chilos, alpinia, zingíver e "bastão do imperador". Essas espécies são as mais procuradas por produtores de Alagoas, Ceará e Pernambuco.

Em recente estudo, a Embrapa identificou um salto surpreenden-

te no número de interessados no plantio de flores tropicais no Pólo: nada menos que 120 empreendedores se preparam para apostar seus investimentos no cultivo dessas flores - 40% deles nunca desenvolveram atividades ligadas à agricultura.

Milvia Macedo Coelho está entre essas pioneiras da floricultura. Ela está se preparando para aliar ao hobby de cultivar flores tropicais no amplo jardim da sua residência o plantio comercial em cerca de 0,8 hectares. Para lançar-se nessa empreitada, vai ter que, inclusive, optar pela derrubada de uma pequena área com bananeira

As flores tropicais são oriundas de regiões de florestas como a Amazônia e a Mata Atlântica. Elas pouco lembram as flores convencionais típicas de clima temperado (rosas, cravos). As combinações exóticas de formas e cores que exibem lhes dão versatilidade e originalidade de usos no mercado de flores:

de ornamentação de casamentos até solenidade de formaturas ou de eventos como congressos e seminários.

O Engenheiro Agrônomo Pedro Maia e Silva, gerente geral da Embrapa Negócios Tecnológicos, em Petrolina, afirma que a produção de mudas dessas plantas é uma prioridade para a instituição. No Brasil, a floricultura movimentou recursos da ordem de 700 milhões de reais por ano - 500 milhões só em São Paulo. O Nordeste, com o seu clima quente, não sujeito a bruscas variações, pode produzir de forma ininterrupta a maior parte das espécies, sem períodos de entressafras. Isto, afirma Pedro Maia, permite aos produtores da região abastecer o mercado de flores durante o ano inteiro.

Para Sebastião Amorim não há dúvida de que a floricultura é uma alternativa sustentável para a exploração agrícola da região. ■

Pesquisa lança variedade de guandu forrageiro

Produtividade média de massa seca em torno de 5 mil quilogramas por hectare. Teores de proteína e de fibra bruta da ordem de 22 e 33 %, respectivamente. Aptidão para produzir em solos pouco férteis e com "deficit" hídrico. Estas são algumas das razões que tornam a variedade de guandu, ou andu, Taipeiro, uma planta forrageira alternativa de boa qualidade para cultivo nas áreas semi-áridas da região Nordeste. A afirmação é dos pesquisadores da Embrapa Semi-Árido, Carlos Antonio Fernandes dos Santos, Francisco Pinheiro de Araújo, Gherman Garcia Leal de Araújo, Eduardo Assis Menezes.

Segundo eles, a Taipeiro foi selecionada após sucessivos experimentos que avaliaram o desempenho de 81 acessos da coleção da Embrapa Semi-Árido. O guandu, espécie originária da Ásia, é uma das principais leguminosas cultivadas nas regiões tropicais e subtropicais do planeta. Embora seja o sexto em área de produção de grãos - atrás do feijão, ervilha e grão de bico, entre outros - tem maior diversidade de uso: como planta forrageira ou como fornecedora de grãos para a alimentação humana. Para eles, é uma planta que deve participar sempre dos sistemas de produção das propriedades agrícolas em áreas dependentes de chuva.

Variedade - O guandu tem uma longa história como cultivo de subsistência nas áreas semi-áridas. No Nordeste, é comum encontrar o seu plantio em quintais domésticos para consumo do grão pelas pessoas e pequenos animais. Com os bons resultados obtidos com a variedade, os pesquisadores da Embrapa recomendam o seu uso como insumo para a pecuária sustentável do semi-árido (**veja box ao lado**). Gherman explica que a leguminosa pode ser usada de formas diversas: fenada, ensilada, em forma de farelo, triturada verde, moída depois de seca. Pode ser utilizada ainda sob pastejo, como banco de proteína ou em consorciação com gramíneas.

A Taipeiro é uma planta arbustiva, de hábito de crescimento indeterminado e alcança, em média, 1 metro de altura. Em condições de manejo e clima favoráveis, pode chegar a medir 1,50 m. Sob irrigação, a

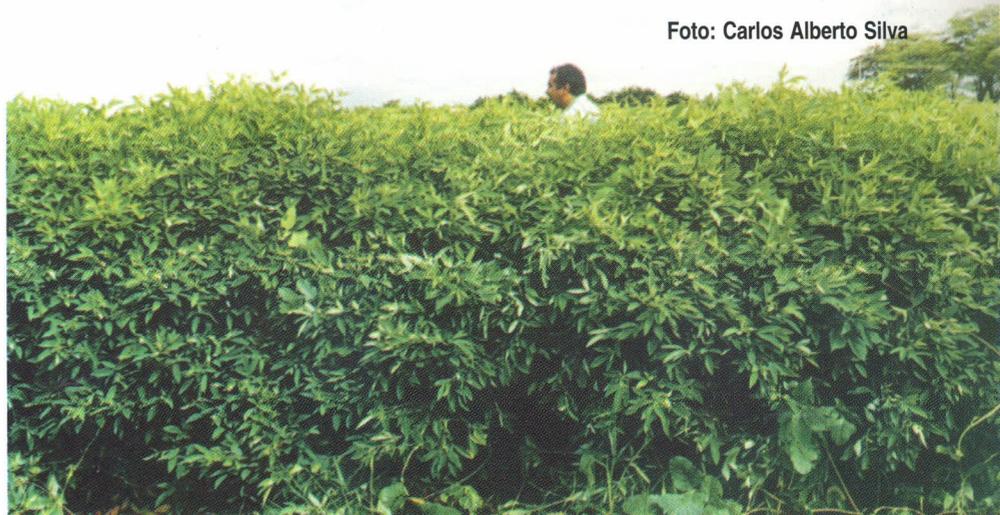


Foto: Carlos Alberto Silva

A "Taipeiro" cresce de 1 m a 1,5 m de altura e produz muita folha rica em proteína

produtividade salta de 5 mil para 8 mil kg/ha.

Para Francisco Pinheiro, as raízes dessa variedade de guandu podem atingir profundidades de até 2 metros. Isto, afirma, lhe dá maior capacidade de resistir à seca e aproveitar melhor os nutrientes situados nas camadas mais profundas do solo. Outra vantagem observada pelos pesquisadores é que a Taipeiro tem boas características produtivas: ramos de pequeno diâmetro e maior retenção de folhas no período mais agudo da seca, o mês de setembro.

Os pesquisadores recomendam o plantio da variedade logo após as primeiras chuvas. O cultivo pode ser consorciado com outras plantas forrageiras num arranjo espacial de quatro fileiras alternadas de uma e outra. O espaçamento deve ser de 1 m entre fileiras e entre plantas. No plantio os produtores devem usar quatro sementes por cova para que se obtenha, em média, duas plantas em cada uma delas. Outra orientação dos pesquisadores é que, nas condições de dependência de chuva, o plantio seja feito usando a técnica de sulcos e camalhões que permite uma maior retenção de umidade no solo. A necessidade de sementes por hectare é de 10 kg.

Taipeiro - A palavra Taipeiro, segundo o Aurélio, significa prato cheio. Este sentido de fartura, os pesquisadores acreditam estar expresso nas características da variedade. A expectativa da Embrapa é que, em pouco tempo, o cultivo do guandu Taipeiro se espalhe por todo o semi-árido do Nordeste em pouco tempo.

"Taipeiro" já é usado por produtores

A Taipeiro já causa boa impressão entre produtores. Ela é uma das tecnologias em plena adoção por agricultores atendidos pelo Programa de Desenvolvimento Comunitário da Região do Rio Gavião - no qual o Governo da Bahia e o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) estão investindo 40 milhões de dólares em 13 municípios do Sudoeste baiano.

Plínio Cardoso da Silva Neto, engenheiro agrônomo da Coordenação de Ação Regional (CAR) - instituição que concebeu o projeto - afirma que o guandu tem tido uma aceitação muito boa. Tanto que os plantios, inicialmente circunscritos a áreas de demonstração em Campos de Aprendizagem Tecnológica (CAT), já estão sendo cultivados em pelo menos 100 ha na região de Tremedal.

Para ele, as visitas dos produtores às áreas de plantios experimentais, a observação do desempenho da planta, a boa aceitação da forragem por parte dos animais são os responsáveis pela expansão "excepcional" dos plantios.

A variedade Taipeiro vai ser lançada oficialmente pela Embrapa Semi-Árido no dia 5 de maio, durante seminário e dia de campo sobre "Técnicas de captação de água de chuva e cultivos apropriados ao semi-árido brasileiro".